



CANTATE · DOMINO  
CANTICVM · NOVVM

SOCIEDADE  
CORAL DE  
L I S B O A

## SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

Foi no Ano Aurore de 1940 que a Sociedade Coral de Lisboa se apresentou ao público, interpretando, por incumbência da Comissão Executiva das Festas do Dia do Centenário, no Acto Solene de Sagres, a «Missã Solene» de Frederico de Freitas, depois repetida na Festa Missionária realizada na Secção Colonial da Exposição do Mundo Português.

Nos serões Mediceal e Manoelino, realizados em espectáculos de gala no Teatro D. Maria II, foram ainda elementos da Sociedade Coral de Lisboa que interpretaram a parte vocal dos respectivos programas. A Sociedade Coral de Lisboa foi fundada pelo Maestro Frederico de Freitas. Os trabalhos preliminares de organização deveram-se a ele e a uma comissão composta das Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Elisa de Sousa Pedrosa, D. Laura Wake Marques, D. Ana Dierman de Brito Aranha e D. Consuelo Fernandes de Freitas. Em 1941, no Teatro Nacional de S. Carlos, apresentou-se a Sociedade Coral de Lisboa pela primeira vez oficialmente, em 3 concertos, com a «Magnificata», de J. S. Bach e a «Missã Solene» de Frederico de Freitas, e no presente ano, a Oratória «ELIAS» de Mendelssohn em 1.<sup>a</sup> audição, e o «Stabat Mater de Pergolesi».

É justo assinalar, nesta pequena resenha em que sucintamente se foca a vida da Sociedade Coral de Lisboa, o apoio que desde o início tem recebido da Emissora Nacional.

## SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

3 de Julho de 1942, às 22 horas

### 6.º CONCERTO DA SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

#### PROGRAMA

##### 1.ª PARTE

BODAS DE FIGARO (Abertura) ... ..	MOZART
SINFONIA INCOMPLETA ... ..	SCHUBERT
a) Allegro moderato	
b) Andante con moto	
A DANSA DA MENINA TONTA (Baileto) ... ..	FREDERICO DE FREITAS
(Versão de esquadro)	

##### 2.ª PARTE

G. DILUVIO (op. 45) 1.ª audição ... ..	SAINT-SAENS
Poema Bíblico em três partes, para coros, solis e orquestra	
Prelúdio (violino solista Flaviano Rodrigues)	
1.ª Parte: Corrupção do homem — Colera de Deus — Aliança com Noé	
2.ª Parte: A Arca — O Dilúvio	
3.ª Parte: A Pomba — Salva da Arca — Bênção de Deus	

##### Solistas:

ISABEL BERGSTRÖM — Soprano.  
FERNANDA COELHO — Meio-Soprano.  
RAÚL SANTOS — Tenor.  
DE SILVA SANTOS — Baixo.

Orquestra Sinfónica Nacional sob a direcção do maestro  
**FREDERICO DE FREITAS**

# O DILÚVIO

## PRIMEIRA PARTE

Reinava a paz. A Terra dava sempre pão  
E a doçura do mel aos Filhos de Adão.  
Nas tendas o Amér inspirando cânticos,  
No campo o laburear de lindas raparigas.

Ant' dos Céus  
Anjos de Deus  
Vinham viver ali.

E assim aconteceu que os anjos lá d'Altura  
conheceram o Amor em beijos de ternura:  
E, por mal, só gigantes nasceram d'esse amor.

O Homem caminhava de mal a pior.

O mal cresceu, grassou o vício imundo;  
E Deus se arrependeu de ter criado o mundo.  
Foi então que se ouvia no espaço a Voz de Deus:

Eu vou acabar com a raça  
Destes homens Filhos de Adão  
Que por desparearem a Graça  
Iráo ter minha maldição!

Foi o Direito violado  
Foi o Amér profanado;  
Farto estou desta raça má!  
Corpos e almas sem nobreza,  
São covis de grande impureza  
Nem poder nem honra há já!

Noé ao olhar do Eterno moveia a Graça dos Céus.  
Pois era um varão justo e temente a Deus.  
Disse Deus:

Meu penitão findou já.

Iráo ter o castigo para os crimes seus!  
Vai fazer uma Arca alta, larga e comprida,  
Para ti, para os teus,  
E lá farás entrar um casal d'animaes  
Que depois transmittam a Vida.  
Sou JEová — DEUS E SENHOR!  
Contigo e com os teus Eu farei Aliança  
Sem demora! A Justiça implora vingança:  
Aos Maus maldição e horror!

## SEGUNDA PARTE

Noé logo as ordens do Senhor cumpria.  
E do Céu, por castigo, chovia, chovia.  
E na selva fumosa rugiam leões,  
No mar os vendavais levantavam procelas,  
E p'lo espaço dos Céus ribombavam trovões.  
Apagou-se o Sol e a luz das Estrelas,  
Reino de trevas — Antro de escuridão sem par.

Passava já um mês e a chuva sem parar.  
E as ondas revoltas subindo, subindo...  
E, perante o tremendo castigo de Deus,  
Os homens perdidos lá iam fugindo.  
Bandas negras de coevas pairavam nos Céus,  
E a chuva a cair como d'incensas fontes;  
E vinda dos homens ao clamor  
Já cobria a Terra até os mais altos montes.  
E os urros e rugidos das feras em horror,  
E o clamor em vão desta humana raça  
Se calavam então como um vento que passa:  
Pois tudo destruíra aquela maldição.

Entretanto a Arca vogava, sem norte,  
A deriva, sulcando aquêle mar de morte,  
Aquel'mar de passar — o mar da escuridão!

TERCEIRA PARTE

Mas Deus não se esqueceu do Perdió benfazejo;  
Uma anagem passou doce como um beijo  
Em sinal de que o bem já ia acabar,  
E Noé pôde abrir a janela da Arca  
E um corvo lá foi das mãos do Patriarca  
Para não mais voltar.  
Mas tarde ele obiga à Pomba o postigo  
Que a salutar em vão procura um abrigo;  
E foi talvez por isso que veio ao pôr do Sol.  
Dias depois de novo parte a Pomba Mansa  
Assa abençoado à Luz tal qual o gira-sol.  
A brisa adormece aquêle mar de bonança  
No espaço — como parecia a luz primav'ril.  
Toda a Terra estremece em benção singida  
Ao sentir brosar de si seiva de nova vida,  
Qual nova alegre e feliz com vigor juvenil!

Pela segunda vez voltou a Mensageira  
Trazendo no bico um ramo d'oliveira.  
Então viu Noé a terra a descobrir.  
Sete dias mais tarde, com um rumo incerto,  
Ansiosa a Pombinha para a terra voltar,  
Deita vez a Pombinha já não mais voltou  
E a sentir a terra, ao sol seu dorso erguia.  
Numa ánsia de Vira d'Amor e d'Alegria,  
Saino Noé da Arca e um Altar construiu.  
Inolou o segurar com muita piedade,  
O Sol fez um asel de Luz — sinal d'Amizade;  
E outra vez a Voz do Eterno se ouviu:

Convoco fero Aliança,  
Assim meu amor se comprez  
(Vós e Eu seremos em paz.)  
Não quero outra vez a vingança.  
Vai! Vivei e crescei em paz!

Quando vistes no Céu este Arco resplendente,  
Humano, acredita que é o eterno penhor  
E sinal de perdão e de paz indulgente  
EU SOU JEOVA — DEUS D'AMORI!

CAMILLE SAINT-SAËNS

(1835 - 1921)

O DILÚVIO

EM 1849, com cinco anos e meio, Saint-Saëns apresentou-se como pianista executando, de cor, um programma em que se incluíam obras como um cáciere de Mozart, uma fuga de Haendel, um prelúdio e fuga de Bach e o concerto em dó menor de Beethoven.

Assim teve o seu primeiro contacto com o público aquelle que Ludovic Blancou viria a definir nestes termos que devem ser tomados com um certo cuidado: «É o Haydn, o Mozart, o Beethoven francês, é uma clássica.»

Que se dê um ou outro título a Saint-Saëns pouco importa, bastando para o manter na posição que bem lhe cabe de grande músico francês, obras como a sinfonia em sol menor com órgão composta sobre o motivo do *Dies iræ*, o concerto para piano em sol menor, *Sansão e Dalila* no género dramático (aiás concebido primeiro como oratório), e ainda precisamente *O Dilúvio* que hoje se executa integralmente pela Sociedade Coral de Lisboa e Orquestra Sinfónica Nacional sob a direcção de Frederico de Freitas.

A obra vocal não dramática de Saint-Saëns (esta inclui vinte partituras de ópera) é vasta, incluindo, além de *O Dilúvio*, uma missa para quatro vozes e órgão, o salmo *Caeli enarrant*, um *Requiem*, uma colecção de vinte motetos, cantatas como *Le Feu Céleste*, *La Gloire de Corneille*, *The Promised Land*, etc.

*O Dilúvio* a que o seu autor chama «peçma bíblico para solo, coro e grande orquestra» foi composto sobre o poema de Louis Gallat que forneceu a Saint-Saëns, grande número de segmentos dramáticos. *O Dilúvio* estrea-se em 4 de Março de 1876 nos concertos do Châtelet, cerca de um ano antes da estrea de *Sansão e Dalila* de que constitui de certo modo como que um precursor no notável emparelhamento melódico e sólida construção.

*O Dilúvio* divide-se em três partes precedidas por um prelúdio já bem conhecido do nosso público.

A primeira parte, annunciada pelo prelúdio construído sobre duas temas dos quais o segundo exposto por um violino solista caracteriza a pureza do homem das primeiras idades, é ainda tripartida: «Corrupção do homem», motivo da cólera de Deus — «Eu vou acabar com a raça destes homens filhos de Adão», tema de Noé (a Aliança); «Ele era um homem justo e temente a Deus».

A orquestra reduz-se aos arcos. Os coros exprimem a indignação do Criador.  
A segunda parte: «A arca», o dilúvio emprega uma orquestra aumentada com extraordinárias exigências como certos tipos de trombones e cornetas recém-criados ao tempo da composição e que depois se vieram a abandonar. A parte vocal é um recitativo dramático aterrorizado mas tober.

Na terceira parte onde se destaca o trabalho do quarteto solista a par da grandiosa fuga a cargo do coro, compreende as epigraphas: «A pomba; saída da arca; a benção de Deus».

A orquestra reduz-se agora ás proporções normais; o quarteto de solistas vai cedendo lugar ao coro que na fuga canta a aliança de Deus com os homens a quem concede o perdão annunciando-se como «Jeová, o Deus de amôres».

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL.

## SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

Africa Cabral.  
Alice da Luz e Silva de Freitas.  
Alice Rebelo.  
Ans Bierman Brito Aranha.  
Dr.<sup>a</sup> Beatrice Constanzo.  
Beatriz Viseu Pinheiro Santos.  
Berta Blanc de Portugal.  
Berta Borges.  
Berta Nóbrega.  
Consuelo Fernandez de Freitas.  
Emília Macieira.  
Fernanda Coelho.  
Filomena Arez.  
Guida Sanches de Miranda.  
Helena de Abreu.  
Helena Shirley.  
Ilda Bevilaqua.  
Ilda Palhares.  
Isabel Pégo Bergström.  
Isabel Rebêlo.  
Júlia Passalacqua.  
Julieta Boavida da Silva Santos.  
Laura Cordeiro.  
Lia Stella.  
Margarida de Abreu.  
Maria Blanc de Portugal.  
Maria Carlota Andrade.  
Maria Helena Rodrigues Costa.  
Maria Helena Soares de Andrade.  
Maria Ilídia da Costa Valente.  
Maria Justina Pereira.  
Maria de La Salette de Carvalho.  
Maria de Lourdes Estêvão da Silva.  
Maria Luiza Vieira Lisboa.  
Maria da Luz Waza de Andrade.  
Maria Manuela Soares de Albergaria.  
Maria Rosa Pimentel Soares.  
Minervina Lopes.  
Natália Ferreira.  
Olga Violante.  
Olinda Nóbrega.  
Sára Ramalheira.  
Stella Tavares.  
Susette Guedes.  
Violante Montanha.

Aenik Koenders.  
Dr. Agostinho Coutinho Lopes.  
Alberto Pires.  
Alvaro António da Silva.  
Armando Rebêlo.  
Artur Neves.  
Augusto Borges.  
Bernardino da Rocha Pereira.  
Carlos Alberto Afonso.  
Carlos Charrie Pinto Mourão.  
Carlos José Rodrigues.  
Carlos Pedreira de Brito.  
Carlos Tedeschi Azevedo.  
César Viana.  
Daniel Fernandes Canhão.  
Eduardo Freire.  
Fernando de Almeida.  
Fernando José Estêvão da Silva.  
Fernando Pereira.  
Dr. Francisco Loureiro Diniz.  
Gaspar Bastos Coelho.  
João Nogueira.  
João Pedro de Freitas Branco.  
João Pinto Basto de Sousa.  
Dr. João Silva Santos.  
Joaquim Régio Marçal.  
D. José Blanc de Portugal.  
José Condeixa.  
José Nunes Claro.  
José Ricardo Rodrigues Miguéis.  
José Teixeira Lopes.  
Luiz França.  
Manuel Eugénio Machado Macedo.  
Manuel Lima.  
Manuel do Vale Costa.  
Marciano Mendonça.  
Orlando Carepa.  
Dr. Pais Salvação.  
Pedro Fernandez Cabrera.  
Rafael Ferreira.  
Raúl Santos.  
Rui Alberto.  
Rui de Castro Guedes de Seixas.  
Salvador Costa.  
Sebastião Cardoso.  
Sérgio Luiz Soares de Albergaria.